

Revista Brasileira de Paleontologia

Número 2 - Julho/Dezembro - 2001

ISSN 1519 - 7530

Conteúdo

Polycystine Radiolarians in Brazilian Sedimentary Basins:
A Synthesis on the Current Status

Interpretações Paleoecológicas e Bioestratigráficas do Testemunho MC 58
(Holoceno/Pleistoceno da Bacia de Santos) com base em Nanofósseis Calcários

A Formação Corumbataí (Permiano Superior-Triássico Inferior, Bacia do Paraná)
na Pedreira Pau Preto, Município de Taguaí, São Paulo, Brasil:
Análise Paleoambiental e das Pegadas Fósseis

Use of Tooth Enamel Microstructure in the Study of Dinosaur Paleobiology:
Perspectives and Potentials

O Parque Paleontológico de São José de Itaboraí (Rio de Janeiro) e seu Entorno

Nomenclatura dos Tipos de Categoria da Espécie para Coleção de Fósseis

Utilização dos Radicais/Prefixos *Eo*, *Meso* e *Neo* na
Nomenclatura Estratigráfica Brasileira

Paleo 99 e Paleo 2000 (Resumos)



EDITORA INTERCIÊNCIA

Uma Possível Escavação de Dipnóico na Formação Ponta Grossa, Devoniano da Bacia do Paraná

ANTONIO CARLOS S. FERNANDES

Museu Nacional/UFRJ e Faculdade de Geologia/UERJ
(fernande@acd.ufrj.br/ fernande@uerj.br)

ISMAR DE SOUZA CARVALHO

Instituto de Geociências/UFRJ
(ismar@igeo.ufrj.br)

Em afloramento de folhelhos e arenitos tempestícos intercalados pertencentes à Formação Ponta Grossa, situado na margem da rodovia MT-319, ao norte da cidade de D. Aquino (MT), foi coletado o preenchimento incompleto de uma escavação vertical de forma levemente afunilada e encurvada, de seção transversal elíptica. De composição argilo-arenosa ferruginosa, o preenchimento não contém estruturas internas visíveis, e externamente apresenta corrugamentos transversais normais ou inclinados em relação ao eixo longitudinal. Sua morfologia e suas dimensões (13 cm de comprimento e 5 cm em seu diâmetro maior) têm, desde então, sido alvo de questionamento sobre o organismo que teria gerado tal tipo de estrutura.

Escavações verticais deste tipo dificilmente poderiam ser atribuídas à atividade de invertebrados, já que entre os organismos de hábito escavador (principalmente animais vermiformes e crustáceos) conhecidos, não se tem conhecimento, na Formação Ponta Grossa, de nenhuma forma com dimensões suficientes para originar escavações desse porte. Poucos também são os registros inequívocos de escavações produzidas por vertebrados aquáticos (peixes agnatos, placodermas e osteíctes) em estratos paleozóicos; apenas os dipnóicos são conhecidos pela construção de escavações verticais permanentes capazes de serem preservadas e reconhecidas em sedimentos antigos. Entretanto, são as escavações produzidas por dipnóicos durante os períodos de estiagem que mais se aproximam da escavação encontrada.

Escavações atribuídas a peixes pulmonados têm sido registradas em camadas devonianas, permocarboníferas, permianas e triássicas da América do Norte; entretanto, suas ocorrências têm se limitado a calcários ou argilitos formados em ambientes de água doce. Ao contrário desses registros, a estrutura estudada originou-se em sedimentos de origem marinha. Deve-se ressaltar que fósseis de peixes dipnóicos são conhecidos a partir do Devoniano Inferior, ocorrendo tanto em sedimentos marinhos como continentais do Devoniano. Apesar das formas marinhas nunca terem sido encontradas associadas à escavações do tipo descrito para os dipnóicos, tal possibilidade não pode ser descartada: poderia se admitir um hábito semelhante para os dipnóicos marinhos primitivos, em um ambiente de águas rasas sujeito a ressecamentos periódicos, fato ainda não registrado na

literatura. A ausência de fósseis corporais de dipnóicos na Formação Ponta Grossa, entretanto, dificulta a atribuição definitiva dessa estrutura à atividade desses animais.

Trabalho realizado com o apoio da FAPERJ e CNPq.

